

O assentamento Anita Garibaldi

Entrevista com lideranças do Movimento
dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)*

por *HECTOR BENOIT***

Na manhã de um chuvoso domingo de dezembro, em prédio ocupado, no centro de São Paulo, um edifício tomado pelo MMC (Movimento pela Moradia no Centro), nos encontramos com Guilherme, membro do MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. Da rua do Ouvidor, rumamos de carro para um acampamento dirigido pelo MTST, o assentamento Anita Garibaldi, em Guarulhos, periferia da cidade de São Paulo. Após uns quarenta minutos, passando por diversas ruelas de terra, finalmente chegamos. A visão externa é impressionante: milhares de tendas bem ordenadas, erguidas no meio de um terreno de 113 hectares. A primeira impressão é de que estamos chegando num acampamento militar. Neste assentamento – próximo ao aeroporto internacional de Cumbica – vivem, em tendas e moradias improvisadas, sobre chão de terra, cerca de 3.200 famílias, mais de dez mil pessoas, portanto o equivalente a muitas cidades do interior do Brasil. O acampamento, apesar da precariedade das condições de vida, é extremamente bem organizado: as moradias conservam um certo espaço umas das outras, são bastante limpas, apesar do chão de terra, e são distribuídas racionalmente, constituindo ruas geometricamente dispostas. Aqui e ali, tremulam bandeiras do movimento, simbolizando que estamos numa cidade, mas numa cidade em luta. O acampamento Anita Garibaldi e o MTST, como se pode ver na entrevista, vão muito além de um mero movimento de moradia. Trata-se, na verdade, da construção imediata de uma alternativa concreta de subsistência

* Entrevista realizada em dezembro de 2001.

** Professor do Departamento de Filosofia da Unicamp.

para milhares de pessoas e, ao mesmo tempo, de uma ponte para uma nova sociedade, dirigida pelos trabalhadores.

Depois de uma longa caminhada pelo acampamento, encontramos Alex, um membro do MTST que se apresentou como “um dos responsáveis pela questão do movimento de massa no acampamento”. Entramos numa tenda e nos sentamos numa mesa redonda. Ali aconteceu a entrevista, interrompida, às vezes, pelo barulho intenso de forte chuva. Participaram ainda da entrevista: Guilherme, o nosso guia, que se apresentou dizendo: “Sou uma espécie de relações externas do movimento, estou mais fora do acampamento do que dentro do acampamento e faço o enlace com os movimentos, com os partidos, esse é meu papel”. Estavam também presentes: Wagner, estudante da FAU-USP, que participa de um importante grupo de apoio em questões urbanas ao acampamento do MTST (estão racionalizando o espaço), e Alexandre, colaborador da revista e membro do Laboratório de Habitação do Grêmio da FAU-USP, que assessora o movimento de sem-teto do centro de São Paulo, o MMC.

CM – Vamos começar com a questão da origem do MTST. Vocês podem contar um pouco como surgiu o MTST?

Alex – *Vamos “rezar a missa”, que já é um pouco extensa. Vamos dizer que tudo surgiu lá em Campinas, numa atividade que o MST desenvolveu em 97, na marcha popular nacional. A marcha foi muito longa e dentro desse percurso passou por Campinas. A idéia da marcha era discutir a realidade que cada cidade e região estava enfrentando, com isso alguns militantes do MST que passaram por lá conheceram alguns companheiros da cidade. Aí a coisa começou. No percurso da marcha os companheiros avaliavam, em todas as cidades, até a chegada em Brasília, a questão de como funcionava o processo de exploração nas cidades. Uma das perspectivas que o MST tinha antes da marcha era a de estar levando o povo da cidade para o campo, mas, então, no percurso, se começou a ver mais claro, se começou a ver melhor a cidade, como funcionava, qual era o papel dela dentro do modelo que nós temos. Já antes, alguns militantes se deslocavam para a cidade em eventuais trabalhos trazendo gente da cidade para o campo, mas, a partir da marcha, se viu a necessidade de não só estar levando as famílias para o campo, como tentar criar dentro das próprias cidades focos de organização. Um dos objetivos era fazer uma análise mais concreta sobre a realidade urbana, sobre quais os principais problemas que assolam a população das cidades. Foi quando ocorreu a experiência de Campinas.*

CM – Você poderia relatar essa experiência de Campinas?

Alex – Quando no final de 97, na época da marcha, alguns militantes do MST foram deslocados para Campinas, eles contribuíram no trabalho de uma ocupação urbana, que foi batizada depois de Parque Oziel. No início desse movimento, cerca de 800 famílias ocuparam uma área próxima do trevo da Bosch. Mas, a partir daí, o acampamento foi se massificando de maneira impressionante, foi se vendo qual era o nível de degradação humana que se tinha dentro da cidade e a enorme busca por uma melhor condição de vida. Para se ter uma idéia, o acampamento atingiu logo cerca de 5.000 famílias. Foi tentada, então, nessa ocasião, pela primeira vez na experiência do MST, a organização do povo no próprio meio que ele vive, no meio urbano. Nessa ocasião, vejam bem, os militantes do MST, que vieram do campo, não foram lá para intervir, mas para contribuir com as pessoas que já vinham nas cidades tentando se organizar. Mas, a partir daí, os companheiros do MST começaram a ver a dimensão das contradições que existiam dentro da cidade e passaram por uma fase de estudo e reflexão. Muitos militantes tentaram desenvolver lá a organização interna do acampamento, mas não entendiam ainda bem qual o papel das forças políticas dentro da cidade, como se organizar nesse meio, como se relacionar com os partidos políticos, com o tráfico de drogas e com todas as facções que se organizam no meio urbano. Essas relações são muito mais complicadas do que se pensa. Passou-se assim por um estado de aprendizado. A experiência de Campinas serviu para isso. Foi um primeiro passo.

CM – Qual foi o momento seguinte? Como se chegou a este acampamento imenso?

Alex – No início de 98 esses militantes que viveram aquela experiência passaram por um refluxo, vamos dizer assim; voltaram para a base de onde vieram, no intuito de estar tentando se aprofundar na idéia de como ajudar a formar essa ferramenta para a organização urbana. Então, no meio de 98, alguns militantes vieram para algumas outras regiões, como Guarulhos, região da Grande Osasco, mais especificamente Itapevi e para o centro de São Paulo, com o intuito de tentar fazer uma análise de três regiões diferentes fora Campinas. Para traçar uma linha, um padrão das forças que atuam na cidade. Foi então que os companheiros participaram aqui em Guarulhos da constituição deste movimento, do MTST, junto com o povo daqui. Eu, por exemplo, era morador daqui, morava no bairro dos Pimentas, e já vinha há algum tempo trabalhando no movimento urbano, em um movimento regional. Este movimento do qual eu participava tinha um certo contato com as favelas daqui de Guarulhos, era um movimento que tentava mediar com a Prefeitura e com o Poder Público formas de legalização de áreas, de criar no-

vas respostas para áreas daqui que são de risco, tentar criar formas e meios de solucionar esses problemas mais imediatos. Foi então que eu e uns companheiros daqui fomos conhecendo a proposta do MTST e aí tentamos contribuir no pensamento de estar se construindo esse movimento. Depois de 98, fomos nós que entramos em refluxo. Com a intenção de estar construindo essa alternativa, muitos companheiros saíram das suas casas e foram para o campo; não como uma fuga, mas como uma forma de se ter um espaço que proporcionasse um estudo mais aprofundado. Os companheiros que tinham o compromisso desse projeto foram para o campo para ter um espaço onde pudessem se aperfeiçoar no campo das idéias, para que pudessem sintetizar as idéias. Depois disso, em 2000, foi se pensando o retorno do movimento. A maioria da militância que tinha se constituído em outras regiões foi deslocada do campo e voltou para a cidade para a aplicação dessa primeira, vamos dizer assim, de uma dessas primeiras experiências, que seria o Anita Garibaldi, este assentamento aqui existente.

CM – Houve assim uma boa preparação para chegar a esta ocupação?

Alex – Sim, dentro do Estado, é a primeira experiência de acampamento que já tinha uma metodologia de trabalho, nós já tínhamos traçado uma metodologia desde o trabalho de base até a metodologia mais geral. Inclusive, nesse período de refluxo, para a formação, essa idéia foi transportada também para outras regiões. Nesse período alguns militantes foram deslocados para o Rio de Janeiro com o intuito também de tentar constituir essa ferramenta, essa idéia foi transportada para algumas regiões do Norte e do Nordeste do país, foi mandada para Natal, Rio Grande do Norte. Um companheiro daqui discutiu a constituição dessa ferramenta lá, contribuiu na organização de uma ocupação lá, em Natal; outros companheiros tentaram ir para Pernambuco, não tiveram muito sucesso no início, aí o que aconteceu? Esses companheiros voltaram para São Paulo e outro grupo ficou no Rio. Nesse período foram deslocados dois companheiros, um para Pernambuco, outro para o Rio Grande do Norte, no intuito de estar transportando essa idéia. No estado de SP, a idéia era de estar fazendo esse laboratório, centralizando e acumulando todo esse conhecimento para poder estar desenvolvendo essa ferramenta urbana. A partir de tudo isso, tendo em vista as análises, as experiências e os acompanhamentos que estávamos tendo dentro do MST, em vista de desenvolver essa ferramenta constituída dentro da cidade, tudo isso forçou os militantes a repensar, na prática, de que forma isso iria se dar: aí então fizemos o acampamento Anita Garibaldi. Um pouco antes, como eu disse, foram feitas algumas ocupações em Recife e no Rio Grande do Norte. Esta ocupação estava se mantendo, apesar das dificuldades, até criadas pela política do Estado e pelo isolamento do movimento lá.

Hoje, através desta experiência do Anita Garibaldi, procuramos dar uma dimensão maior para a discussão com eles e estamos tentando quebrar o seu isolamento. No Rio de Janeiro, de 97 para cá, os companheiros desenvolveram três acampamentos, dessas ocupações, e foi constituído um corpo orgânico da militância da região. Alguns militantes voltaram para cá para o estado de São Paulo, no intuito de estar socializando as idéias, e hoje temos um coletivo que está formado no Rio de Janeiro, outro em São Paulo, um em Pernambuco, e outro tentando se estruturar, tive informações dias atrás, lá no Rio Grande do Norte. Existe uma proposta também lá no Piauí.

CM – Você poderia falar um pouco sobre a forma de aglutinação e organização dos militantes?

Alex – *Vemos o seguinte, dentro da perspectiva de organização, o povo que nós trabalhamos é um povo que foi submisso, foi a sociedade que inseriu isso nele, então a submissão já faz parte da sua cultura. Mas o que nós vemos também é o seguinte: o militante já é aquele que se dispõe a estar se organizando, a estar se questionando, pelo menos, sobre o andamento das coisas, e nós desenvolvemos um método aqui para isso. Dentro da organização, o intuito nosso é desenvolver coletivos, decisões conjuntas. Primeiro, porque isso não faz parte do cotidiano da companheirada. Mas, aos poucos, a coisa vai mudando. É como aqui dentro do acampamento, cada morador, partindo desse exemplo mais concreto, cada companheiro que mora aqui dentro faz parte de um coletivo, dentro de um setor, dentro de um núcleo, de uma brigada e sempre está dentro de um coletivo; dentro dos trabalhos que são realizados internamente, as pessoas despontam. Despontam em que sentido? Em estar contribuindo dentro das atividades. Mas, de repente, a partir dessa aprendizagem, um companheiro sente a necessidade de não só contribuir, mas também de entender o porquê das coisas, e aí você começa a aglutinar as pessoas em torno das discussões e das idéias. Não só numa resposta imediata, para um problema imediato, mas também como planejar o futuro. Assim se fez a formação de muitos militantes, eu mesmo fui por esse caminho. Eu vim, no começo, pelo mais imediato, eu vim com uma necessidade objetiva, que era o quê? Era ter uma casa, mas isso, para mim, com o passar do tempo, dentro da organização, foi ficando para trás. Fui vendo que não era só isso, só isso não era o necessário, isso aguçou minha curiosidade em estar tentando entender o porquê das coisas, o porquê dessa situação que eu enfrentava antes, o porquê da situação que nós estamos enfrentando hoje. Aí foi o momento, vamos dizer assim, que você tirou o véu do rosto e aí você viu cores novas. Só que daí, junto, entre todas as palavras que são malditas, a mais maldita é o “porquê”. Então você pergunta o porquê disso o porquê daquilo e isso é já um pouco do que é feito aqui dentro.*

Antes, no começo da ocupação, você sentava com o pessoal e chamava para a discussão, todo mundo era arredio, não queria, não queria discutir, queria a coisa concreta, queria o feijão-arroz no prato, mas aí ele sentiu a necessidade de estar se agrupando e a partir desses agrupamentos você começou a formar as idéias e as discussões, aí ele começou a se reeducar. Daí fica claro que para se encaminhar as coisas um indivíduo só não consegue, dois já pensam melhor, três já podem estar tentando fazer alguma coisa, o número maior tem o poder de estar fazendo isso. Aí vão despontando os companheiros que conseguem já ter uma compreensão, apesar de que o povo em geral foi condicionado a não questionar, apesar de que antes não teve oportunidade. Assim, com essa metodologia, vão surgindo os meios para a formação, os meios que são necessários para poder questionar ou intervir nas coisas. Aqui os companheiros se vêem na possibilidade de intervir e questionar, desde a sua forma mais simplória até a forma mais intelectual que cada um possa ter aqui dentro.

Guilherme – *Na verdade, nós aqui temos assim o povo, os moradores e os militantes. Dos moradores vão surgindo sempre novos militantes. Temos um contingente novo de militantes que surgiu agora nesse acampamento. Quando começamos aqui viemos, quantos? Uns cinco, seis, e agora temos uma vintena. Como viemos aglutinando? Um pouco, como Alex falou, através desse trabalho cotidiano...*

CM – *Então, militantes, propriamente, são apenas vinte?*

Guilherme – *Sim, são vinte, vinte e três militantes mais avançados. Veja, temos alguns quadros, temos militantes e temos o povo organizado. Então seria necessário falar em aglutinação fazendo essa diferenciação: quadros, militantes e o povo organizado, em brigadas, grupos de famílias. E como se aglutinam? Temos instâncias para os diversos níveis, para a diversidade de consciência. Temos quadros, o que é que é? É um companheiro que tem uma história de militância que o condiciona a assumir responsabilidades maiores. O militante é o companheiro que tem toda a determinação de continuar a se instruir na prática e na teoria de modo a se capacitar e ter condições de assumir maiores responsabilidades, maior carga nessa luta, que tem como fim não só a moradia, mas a organização do Brasil em relações socialistas de produção ou, se você quiser, o que aspira a uma revolução socialista. Essa diferenciação é a de companheiros que são quadros, que assumem maiores responsabilidades. Outros companheiros militantes são os que estão conscientemente se capacitando para poder carregar mais peso, por assim dizer, e, finalmente, temos o povo, esse que se organiza nas famílias de uma forma espontânea, mas que, a cada dia, eleva mais a sua consciência, uma vez que o*

pontapé inicial já foi dado para descortinar a consciência. Esta é a forma, mais ou menos, como está organizado o acampamento, como você viu. E a própria grande participação de todos tem sido um elemento de destaque deste acampamento. Isto mostra um pouco a determinação das famílias aqui organizadas, não são todas militantes, mas vão ser militantes, e mostra como se organiza o próprio terreno, nas próprias casas, na vida solidária que cada dia mais se desenvolve no acampamento.

CM – Como vocês, do MTST, se relacionam com outros movimentos de sem-teto?

Guilherme – *Concretamente, nós temos uma relação com o MMC (Movimento pela Moradia no Centro) muito mais fraterna, solidária, muito mais, às vezes, coordenada, muito mais “chegada” do que com outros movimentos. Há alguns outros movimentos de sem-teto que não conhecemos muito bem, mas que nos dão indícios de estarem muito comprometidos com uma prática política institucional, que não é o nosso forte, o nosso forte é não cair na malha da cooptação de dirigentes, que tem sido a moeda corrente. Nós tentamos manter uma independência dessa via institucional, partidária, governamental. Então, a maior relação que temos com movimento sem-teto é com o MMC e nem tanto com a UMM (União dos Movimentos de Moradia), que é uma organização que não freqüentamos, não temos relação, apesar de eles terem convidado companheiros nossos de Recife e terem nos feito passar como organizados na UMM, quando não somos. Não estamos presentes nas deliberações, no cotidiano, nas decisões e nos programas da UMM. Respeitamos os companheiros, são companheiros que estão aí, uns mais para lá, outros mais para cá, mas não temos vínculo nenhum, o único vínculo que temos é, na prática, na luta, com o MMC.*

Alexandre – *Compreendemos as dificuldades de relacionamento com os movimentos de sem-teto. Para vocês, a questão não pode se limitar à luta pela moradia. Nesse sentido, entra a relação de vocês com o MST e com a Consulta Popular?*

Alex – *Esse problema com certos movimentos de sem-teto é uma questão bem simples. O problema é o seguinte: a gente sabe que dentro desse processo a gente tem claro o objetivo amplo, dentro da organização do povo. Mas alguns movimentos de sem-teto organizam o povo, só que eles não têm uma visão mais ampla, pensam só na moradia. A questão é que o problema da moradia não é local, não é só um problema regional, é um problema já estrutural, está assolando todo o país. Assim, a luta pela moradia tem que ser vista de uma forma, não digo mais complexa, mas pensada de forma muito mais ampla, econômica e política, ao mesmo tempo.*

CM – Nesse sentido, como entra então a relação de vocês com o MST e com a Consulta Popular?

Alex – *A gente vê dentro dos movimentos urbanos, o movimento dos sem-teto, em geral, movimentos fragmentados. Alguns têm visões estratégicas diferentes. Então, cada um tem uma visão do caminho que vai seguir. E dentro do urbano tudo é muito frenético, até o trabalho que é desenvolvido, o estado de degradação humana e tudo mais, condiciona muitas vezes o movimento, e até mesmo as pessoas que formam o movimento, a realidade dura o força a fazer certas coisas. O Guilherme expôs muito bem a relação que temos com alguns movimentos, como o companheiro Gegê do MMC, que já tem uma história de luta, com o seu grupo já discutimos muito sobre os sem-teto. Há alguns outros movimentos populares com que temos relações a nível estadual e nacional, só que o que é que nós temos mais concretamente hoje? Pensamos que é o MST. Nós temos uma relação com o MST em que sentido? O MST é um agrupamento que há mais de vinte anos luta na organização popular. Passou por um processo de formação profunda, de contradições internas, e de contradições que eles exploravam dentro da sociedade. Vemos o MST como uma forma de organização que preserva principalmente a independência. Não desenvolve a constituição do movimento pela questão legal, mas sim é uma organização de base, do povo, independente da política institucional que vemos hoje por aí. Sempre criou uma política para a base e por essa formação nós, do MTST, nos assemelhamos um pouco. Hoje, o camarada que vê o nosso acampamento vê um padrão bem parecido aos acampamentos do MST, não porque acreditamos que tem de ser assim, mas porque acreditamos que essa metodologia que o MST possui para constituir um acampamento é um grande aprendizado da luta popular. E nós vimos que dentro do MST há uma fonte inesgotável de ensinamentos, que podemos aprender, tirar isto e aquilo que se adapta ao MTST.*

Guilherme – *O MTST, incondicionalmente, tem, dentro de si, o código genético do MST, e qual é, digamos, a célula-mãe do MST? É a sua independência, a sua independência de partidos políticos, de centrais sindicais, de governos; com todos se relaciona, de acordo com a conjuntura, com a luta específica; às vezes, se relaciona de uma forma conflitante, às vezes, harmônica. O MTST se relaciona com outros movimentos da forma como já foi mencionado: essencialmente, com o MMC, que tem por estratégia ocupação de imóveis ociosos no centro da cidade. Nós confiamos essa tarefa a esses companheiros, fazem melhor do que nós, já estão há anos nisso. Nós não fazemos ocupações no Centro. Mas, para nós, o MMC é como se fosse o MTST, eles também procuram manter uma independência da po-*

lítica institucional, também lutam por um país diferente, por uma sociedade socialista. Como não ocupamos imóveis no Centro, ocupamos outros imóveis, que são ociosos, neste caso aqui, foi este terreno enorme. O terreno servia para desova de cadáveres dos bandidos da região. Hoje, este terreno, onde está o Anita Garibaldi, tem uma função social, antes era um terreno completamente abandonado pelos donos, que, há quem diga, seja um grileiro, dono do primeiro cartório de Guarulhos, nós não sabemos se é realmente ou não, o que sabemos é que esta terra estava ociosa à disposição dos bandidos que depositavam carcaças de automóveis, cadáveres, lixo e hoje, não. A ordem, a nova ordem se instalou no acampamento, se instalou um certo grau de civilidade, civilidade dos oprimidos que tentam construir suas vidas da forma que lhes é possível, apoiados, apenas, na solidariedade mútua. Com o MST nos relacionamos de uma forma solidária, plena. Fazemos cursos de formação junto com os companheiros, procuramos nos inspirar na trajetória de luta dos companheiros, uma vez que ela é muito rica. É claro que nós temos o próprio caráter do nosso trabalho, que é qualitativamente diferente. O MST luta pela Reforma Agrária, nós aqui por melhores condições de vida, porque na cidade, o que se faz necessário, imediatamente, é lutar por melhores condições de vida, moradia, emprego. Nós temos aqui muitos companheiros desempregados, então nós lutamos por emprego. Vamos obtendo algumas conquistas, mas sabemos que tudo isto são males estruturais da sociedade capitalista, por conseguinte, lutamos também para destruir a estrutura capitalista e construir a estrutura socialista. Então as tarefas imediatas do MST e do MTST são diferentes, embora se reencontrem na estratégia.

CM – E quanto à Consulta Popular e aos partidos políticos? Como vocês se relacionam com eles?

Guilherme – *Com os partidos políticos existentes nós nos relacionamos, fundamentalmente, de uma forma crítica, uma vez que nós não acreditamos nas possibilidades institucionais de ruptura da situação existente. Acreditamos que o Brasil precisa urgentemente trilhar um processo de ruptura com a dominação imperialista, um processo de ruptura com todos os órgãos criados para domesticar o nosso povo, precisa caminhar para uma efetiva mudança e, para isso, é preciso uma ruptura com o que está aí, é preciso não pagar a dívida externa, é preciso reestatizar as empresas-chave da siderurgia, de telefonia e outras que já foram privatizadas. Todas devem voltar a ser patrimônio dos brasileiros.*

CM – Você acha que tudo isso seria o programa do MTST? Não seria um programa muito amplo para um movimento de moradia?

Guilherme – Não, de fato, este não é o programa do MTST, este é o programa da Consulta Popular, é um projeto para Brasil, é um projeto popular para o Brasil, mas é também um pouco o nosso projeto, porque nós nos identificamos com ele. Não só nos identificamos, como fazemos parte da Consulta Popular, do setor de lutas urbanas da Consulta, dentro desse caminho. É um projeto que define a nação brasileira enquanto pátria soberana. Nós temos certeza, com os companheiros que lá encontramos na Consulta, companheiros do MST, de outras organizações populares do país, do MTD [Movimento dos trabalhadores desempregados], do MMC, lá nos encontramos com esses companheiros na busca de um caminho popular para o Brasil. Livre do imperialismo norte-americano, um caminho soberano. Seria o socialismo? Se o povo decidir que esse destino é o socialismo, que seja o socialismo. Hoje, nós temos até pesquisas da própria burguesia, que o povo se manifestou em torno de 55 % a favor do socialismo, entretanto, nós estamos amarrados pelos partidos institucionalizados que trilham o caminho de conciliação de classe.

CM – Como vocês vêem, hoje, o desenvolvimento do PT?

Guilherme – O PT é um partido que tem diversas correntes, mas, com o setor majoritário do PT, digamos com a corrente hegemônica do PT, temos profundas divergências. Nós somos efetivamente contra o Alca, contra os transgênicos, a favor dos subsídios à agricultura e outros pontos que esse setor do PT não leva a sério... Nós vemos com preocupação essa eleição presidencial que se avizinha, nós vemos como grave a ofensiva imperialista que tenta descer goela abaixo da América Latina o Alca, nós vemos que depois dessa demonstração de arrogância e prepotência dada pelo imperialismo norte-americano condenando o povo humilde do Afeganistão, como consequência de um desvairado, como o Bin Laden – cria dos EUA –, nós vemos com preocupação uma campanha eleitoral que vise apenas a conquista do governo. Lula pode até conquistar o governo, mas se ele não tiver o povo do seu lado, ele não vai conquistar o poder, e esta disputa pelo poder está dada na disputa do Alca, há quem seja a favor do Alca e quem seja contra. Nós, do MTST, evidentemente, nós somos um movimento de moradia, por melhores condições de vida, por emprego, mas temos uma visão política, tanto que aspiramos a uma ruptura com o imperialismo norte-americano. Nós acreditamos que seja preciso conquistar um governo dos trabalhadores e não um cedido pelo imperialismo, concedido por ele. Então vemos com preocupação essa ansiedade do PT, que não aceita um debate interno para escolher quem é o candidato. Quer pôr o Lula a qualquer custo, é uma ansiedade de tornar o Lula o candidato a presidente da República. Mas Lula e sua corrente têm um projeto que diz que o FMI vai continuar, que a dívida externa vai ser

paga, em suma, um projeto de conciliação de classe. O Brasil não suporta mais um governo assim, veja o que aconteceu na Argentina. O Lula pretende ser um de la Rua, se não aspirarmos a uma ruptura, é conciliar com mais uma farsa democrática na América Latina. Senão veja o exemplo da Argentina, o de la Rua concorreu a uma eleição com o Cavallo, o de la Rua se elegeram com a maioria dos votos, mas quem governa hoje é o Cavallo.

CM – Mas, hoje, no Brasil, além do PT e dos partidos mais institucionais, haveria opções nos partidos minúsculos de esquerda que estão fora do PT? Você vê neles também alguma perspectiva?

Guilherme – *Também não. Como disse o Plínio de Arruda Sampaio, numa conferência da Consulta Popular, o PT pode até vir a ser um partido de ruptura desde que os movimentos populares transformem-no de fora para dentro. Por quê? Porque o PT está institucionalizado, não vai mudar, e os partidos de esquerda apostam no fracasso do PT para ocupar o seu lugar; acreditamos que isso é uma ilusão de classe e também não é o caminho.*

Wagner – Essa situação do MST trabalhando no campo, outros movimentos no centro, como o MMC, e o MTST trabalhando na periferia da metrópole caracteriza uma certa unidade. Queria que vocês explicassem se o MTST é uma espécie de meio-termo disso tudo, no interior de uma estratégia, ou se ele se configura apenas como um movimento urbano, independente, apenas com uma nova visão da ocupação urbana?

Guilherme – *Sem dúvida, o MTST é definido mais como um movimento urbano, em torno da questão da moradia, mas tem semelhanças, no fim, com o MST, ultrapassando a sua luta mais específica.*

Wagner – Como é essa idéia de trabalhar o “rururbano”? Vocês podiam explicar essa idéia do “rururbano”?

Guilherme – *Eu diria que nós somos um povo de trabalhadores que ficou desempregado, que não tem mais a qualificação que as empresas requerem, que, no entanto, precisamos sobreviver, nos alimentar, nos vestir, dar saúde e escola para nossos filhos. O que é o rururbano? É um caminho que diz que nós precisamos comer, qualquer um que precisa sobreviver é rururbano. Quem tiver um quintal tem que plantar uma abóbora, criar uma galinha, e às vezes a gente sai até ganhando, até porque os alimentos que nos são oferecidos nos supermercados estão contaminados por agrotóxicos, experiências e por aí vai. Mas, nós, nem dinheiro para comprar essa porcaria temos! Então nós temos que criar uma galinha, plantar algo e comer isso. Se*

isto é periferia, centro, embaixo, em cima, não sabemos. Então o rururbano é uma saída criada para a subsistência imediata de milhares de famílias.

Alex – *Aqui em Guarulhos, o primeiro processo de assentamento com a idéia do rururbano é este. Temos muitos problemas técnicos, problemas de funcionamento dessa multidão de gente, nisso o pessoal da FAU está nos assessorando. No Rio já temos três assentamentos: um em Campos, outro em Sepetiba, onde tem milhares de famílias assentadas, já tem um ano e meio. Lá o modelo de assentamento foi em prédios, e por isso foi diferente. Aqui o modelo foi do rururbano. Cabe a dúvida do companheiro Wagner: se o MTST é uma mediação entre o campo e a cidade. Nós temos uma visão que é a seguinte: a organização do povo na cidade é necessária, só que você não pode pensar em constituir uma organização dentro de uma estrutura que está podre. Lutando pela casa, o camarada tem a casa e aí? Aí tem um monte de problemas estruturais, uma série de questões; ele pode conseguir a casa, mas não vai conseguir sustentabilidade para mantê-la. A proposta do Anita Garibaldi, do rururbano, é que não visa só a moradia, mas que sejam criadas alternativas, não paliativas, mas que sejam vistas desde o trabalho, da mão-de-obra que temos aqui, qualificada, mas defasada para o mercado, reaproveitada internamente dentro do próprio acampamento.*

CM – *Como tem sido a participação dos estudantes da FAU?*

Alex – *No Anita Garibaldi, neste acampamento, a companheirada da FAU está ajudando bastante. Essa é uma juventude muito importante, tem uma preocupação com os outros. Temos muitos problemas que eles nos ajudam a resolver, principalmente de estruturação do acampamento. Hoje nós observamos os bairros aqui em volta e olhamos um monte de prédios, um monte de casas e você vê uma coisa que é a chamada vida alienada, você tem uma sociedade em que o camarada entra para dentro de sua casa e fica alienado na frente da TV, ele não se preocupa nem com o local onde ele mora, só se relaciona com o outro quando tem interesse e aqui a idéia é mudar esse perfil e a estrutura arquitetônica tem de mudar esse perfil. E aí entra a organização daqui de dentro, dos coletivos, é uma prática que o povo passa a ser um coletivo. Hoje, temos um processo que estamos passando de uma forma de organização para outra, estamos passando por um processo de remanejamento; o acampamento tinha uma forma dispersa de ocupação, e hoje estamos partindo para a divisão em quadras e em lotes e já com a perspectiva da organicidade política para isso. Hoje temos grupos formados com 20 famílias por rua, cada quadra dessas tem cerca de 80 famílias. A idéia nossa é qual? Essa forma de núcleos vai proporcionar uma discussão mais profunda dos problemas do acampamento, cada núcleo tira um coordenador e um vice que vai se-*

cretariar as decisões e as propostas que cada grupo vai propor. O conjunto de quatro grupos vai tirar um representante da coordenação, que vai participar de uma outra instância dentro do acampamento, que é a coordenação geral, onde nós vamos estar socializando as decisões e as propostas, já que esse grupo tem um raio de atuação maior. O intuito de estar fazendo esses núcleos e grupos se liga com o projeto de uma cooperativa. A idéia nossa é a criação de uma cooperativa mista, desde a área de produção até a prestação de serviços, porque temos aqui, partindo da lógica da mão-de-obra defasada no mercado, temos desempregados que têm uma profissão, são artesãos, vamos dizer. O objetivo dos núcleos é criar formas de incubar as cooperativas. Para isso, qual o próximo trabalho que os núcleos vão estar fazendo? Mapeando nas famílias quais trabalhadores nós temos. Temos muitas pessoas aqui que trabalham com artesanato, é um campo a ser explorado, por exemplo.

Guilherme – Isto não significa uma política “dessas” inclusivas que procuram “incluir”, nada disso. Não é do tipo de incubadora do tipo da economia solidária, desta do Paul Singer, uma vez que nós somos pela ruptura. Isso tudo que o Alex está falando visa a sobrevivência, mais ou menos racionalizada. Aqui no acampamento temos aproximadamente 3.200 famílias. Cerca de 10 mil pessoas. É quase uma cidade pequena do interior, já caracteriza até um próprio mercado interno, trocas de serviços... Tem o exemplo da padaria; tem uma padaria aqui perto. Primeiro, quando chegamos aqui, nos olhavam meio com desconfiança, tem uma padaria que abaixou o preço do pãozinho para 0,07 centavos, agora triplicou, quadriplicou a produção, tem fila o dia todo. O acampamento trouxe um grande benefício exatamente pela quantidade enorme de famílias.

CM – Como fica a questão legal da propriedade do terreno?

Guilherme – O sujeito que se diz dono disso daqui, que atende pelo nome de Cláudio Malva Valente, ele é dono do primeiro cartório de imóveis daqui, curiosamente, há quem diga que o terreno seja grilado... O terreno é de 113 hectares, 1.130.000 metros quadrados, agora dizem que ele foi desmembrado, tem um varzão grande, se está desmembrado ou não é um problema burocrático, jurídico, mas efetivamente é um terreno ocioso, que seria condenado pela Constituição, pelo Estatuto da Cidade, pois não cumpre a função social, que estamos, hoje, dando. Tentaram nos despejar, entramos com um agravo de instrumento e nos deram um agravo favorável, entretanto, a ameaça do despejo continua pairando no ar, mas é um problema muito complexo para a polícia, para o procurador, para a justiça, pois, por exemplo, temos aqui mais de cinco mil crianças e o conselho estadual, municipal da criança e do adolescente não quer um despejo dessa natureza, claro que sabemos que os opressores não es-

tão nem aí para as crianças, as mulheres e os idosos, se quiserem nos despejam, mas vai ser uma resistência muito séria, uma vez que as famílias já estão assentadas. Há, por outro lado, a compreensão pelos partidos políticos, pela prefeitura, que vê um exemplo vivo de responsabilidade, tanto na coordenação do movimento quanto na própria conduta do povo que aqui reside, o povo daqui deu certa civilidade ao povo dessa região, como eu falava, aqui era uma terra ociosa, depósito de lixo, de cadáveres, aqui não entrava ninguém, agora temos uma certa civilidade, um comércio que prolifera, nós temos as escolinhas, cria-se uma demanda geral que é civilizadora, que o povo oprimido vem exercendo em todo lugar que se aglomera. Aqui nossa virtude, tanto política quanto do ponto de vista econômico, é que aqui tem um aglomerado de muita gente, é muito povo, que grita por um lugar digno nessa terra; a perspectiva é engrandecedora porque só pode ser assim, com tantas famílias populares vivendo aqui, elas são construtoras de tudo e donas de nada.

CM – Aqui seria praticamente uma cidade. Então seria o caso de pensar que temos uma cidade socialista, entre aspas, cercada pelo capitalismo. Como vocês pensam a continuidade? Este é um poder paralelo à sociedade capitalista, pois vocês já têm uma cidade em mãos!

Alex – *A diferença nossa com as cidades existentes é que aqui as decisões são tiradas direto da base. Existe uma constituição orgânica que é vinculada da base às instâncias superiores, ninguém aqui é eleito prefeito, não há um prefeito, existem coletivos que pensam, dão propostas e instâncias e tomam as decisões. Antes se divulgam as propostas amplamente. Por isso que nós temos esse trabalho, por isso que estão nucleadas as famílias, por isso que cada um aqui está dentro de algum setor, de um coletivo, porque daí parte para a formação do indivíduo, de uma nova prática, uma nova forma de política, onde que o camarada se sente parte da construção, das decisões e também é o indivíduo que vai realizá-las.*

CM – Seria uma certa ruptura com a forma de política representativa?

Alexandre – *Sem dúvida, isso se nota, inclusive, do ponto de vista arquitetônico. É importante que isto se reflita na própria urbanização do assentamento, na sua ordem, limpeza, apesar das ruas e do assòalho de terra, apesar da improvisação. Aqui existe uma comunidade organizada. Percebe-se que aqui o caráter comunitário atingido é superior ao da maioria das cidades e, mesmo, das ocupações de outros movimentos. O espaço comum é pensado racionalmente de uma forma muito mais democrática que nas outras cidades brasileiras. Também não se confunde com a aglomeração desordenada e caótica das favelas. Aqui, por incrível que pareça, apesar da carência de recursos, há uma inovação em termos de urbanismo.*

Guilherme – Isso tudo é um processo em permanente construção, cheio de contrastes ou contradições, o único que é estável aqui são as necessidades, e também a disposição fraterna, a colaboração entre as famílias, isso está crescendo, então as formas de organizar, de governar o acampamento são essas a que se referiu Alex, elas são formas que se recriam a cada dia, pois surgem problemas novos. Um pouco isto para responder essa reflexão curiosa tua, em que podemos dizer que temos “uma certa organização socialista cercada pelo capitalismo”, eu não diria tanto, talvez o nosso sonho esteja cercado, por enquanto, mas já temos o sonho, ele está cercado, mas até agora não nos dobraram, não nos quebraram.

Wagner – O grupo de trabalho que nós constituímos lá na FAU, a respeito do Anita Garibaldi, considera que dada a problemática da luta de classes, da miséria existente hoje no Brasil, diante dessa grande massa de seres humanos lançados à marginalidade, entre os vários grupos que se propõem a estar enfrentando a miséria capitalista, o MTST se colocou com uma estratégia específica muito correta. Está associando a luta pelo trabalho e a luta pela moradia, e utilizando isso, ao mesmo tempo, como instrumento de formação política. Esse conjunto se transforma numa das características mais ricas do movimento. Então, como compreender esse lugar hoje? É uma bolha? Um embrião? Não sei a palavra correta, mas é algo separado da cidade, que confronta um pouco essa ordem. Aqui é outra ordem que não está se submetendo, mesmo porque o que o sistema tinha para oferecer era apenas, talvez, o desemprego e a miséria. Então aqui surge uma bolha, um lugar em que as pessoas sobrevivem, se organizam, se conscientizam, um lugar em que as coisas acontecem de maneira totalmente diferente, e esse diferente tende a ser o modelo a ser expandido.

Guilherme – Se é uma bolha, uma república socialista cercada, ou um ponto de dualidade de poder, a gente não sabe. Eu diria que isto é um empenho teimoso de sobrevivência dentro do que é possível para nós. Mas, sem dúvida, para alguns de nós, isso é também um sonho, um sonho que pode ser sintetizado como um sonho socialista, mas, evidentemente, que nós não podemos nos iludir que isto seja uma república socialista, com um governo paralelo e tudo mais. Isto é uma idéia muito bonita, muito romântica e tudo mais, mas sabemos bem que nós estamos cercados pela violência capitalista, estamos mergulhados na anarquia caótica própria do capitalismo. Naturalmente, qualquer ser humano, quando se conscientiza, aspira a uma vida assim não-caótica, não-violenta, uma vida diferente da que nos é oferecida pelo capitalismo. Veja só, aqui temos trabalhadores não-qualificados que são construtores de tudo e donos de nada, aqui temos trabalhadores que cons-

truíram o Macksoud Plaza, mas não podem entrar ali, aqui tem trabalhadores que construíram o aeroporto e nem imaginam o que é um avião por dentro! Eles se perguntam como essa coisa tão pesada pode voar. Aqui tem trabalhadores que ajudaram a construir locomotivas, que construíram uma série dessas coisas que andam por aí, mas são donos de nada, ou seja, somos construtores de um país e não temos direito a esse país. Mas aqui no Anita Garibaldi surge uma esperança, uma perspectiva para toda essa gente. Nós aqui nos aglutinamos da forma mais racional, mais solidária possível, e somos uma expressão viva da humanidade que teima em sobreviver. É mais ou menos isso.

Alex – *Hoje, aqui consideramos importante passar a idéia de que o trabalhador se sinta parte da construção, é o que o Guilherme falou, cada um aqui tem uma história, ele produz tudo e não tem direito a nada, e aqui a idéia é que ele se sinta parte da construção. Cada um individualmente não é dono de um pedaço de terra, mas, sim, consideramos que o acampamento é parte sua e de todos, da comunidade e do indivíduo. Isso é o que tentamos trabalhar. Partindo um pouco para essa questão da transformação da sociedade, a gente já está sentindo na pele que esse modelo que nós vivemos está podre, que ele está em uma fase de deterioração; o trabalhador hoje não sabe o que vai fazer, quando essa situação estourar, o que vai acontecer? Ela já está começando a explodir em alguns pontos, a barbárie em si já está na prática dentro da violência urbana, da droga, dentro da forma de exploração que existe, da exclusão do ser humano, dele como uma peça descartável. Mas o que fará o povo? Qual a alternativa que o povo tem para isso? Eu acredito que é um trabalho longo, mas que cada companheiro aqui tem uma tarefa importante, sendo ele do MTST, sendo ele do MST, do MMC, MTD, UMM, cada movimento social do Brasil tem que ter uma preocupação de que isso que nós vivemos hoje está com os dias contados, agora o trabalhador hoje tem que tomar em suas mãos o curso da sua vida, do que vai ser feito hoje, do que vai ser feito amanhã. Quando isso tudo estourar, o trabalhador tem que ter a força e a visão do horizonte para onde tem que seguir. O Anita Garibaldi ainda não é nada, temos muito ainda pela frente e vamos em frente!*

BENOIT, Héctor A. O assentamento Anita Garibaldi. São Paulo, Boitempo, v.1, n. 14, 2002, p. 134-149. Entrevista com lideranças do Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST).

Palavras-chave: Movimento social; Trabalhadores; MTST.